

CINCO PARA O POVO VER

Por longo tempo, as artes plásticas se mantiveram prêsas à imitação da natureza. A pintura, particularmente, se limitava a reproduzir paisagens, figuras humanas, objetos. O pintor só se consagrava, na medida em que se demonstrava capaz de melhor reproduzir o que existia no mundo real. Da Vinci, se sabe, antes de determinar, com a mestria do seu pincel, as feições de suas figuras, chegava ao requinte de traçar-lhes cada músculo, cada órgão, numa verdadeira "virtuose" de anatomia. As coisas, entretanto, começam a sair outros caminhos a partir do Impressionismo, quando os artistas suggestionados pelas experiências científicas em torno dos fenômenos luminosos, diluem os contornos das figuras, a ponto de quase anulá-las, transformando-as em massas coloridas. Era a forma em sua mais violenta rebeldia contra o conteúdo. Ao irromper a reação do Expressionismo, Cézanne à frente, as figuras já não são mais as mesmas de antes: as linhas retas e fortes, com que os contornos tentam se recuperar, são já o primeiro sintoma do cubismo que mais tarde virá, pelas mãos de Braque e Picasso. Posteriormente, Kandinsky, com a sua primeira aquarela inteiramente abstracionista, dará o golpe final na arte-imitação-da-natureza. O artista, então, está inteiramente livre para criar as formas que quiser, existam ou não no mundo real. Não interessa aqui, a análise da "nova figuração", presentemente em voga.

Claro, aquela revolução nas artes plásticas não foi aceita de pronto. Na verdade, ainda hoje o grande público resiste em aceitá-la. A reprodução da natureza ficou para a pintura como um calo de difícil remoção, tanto quanto o verso metrificado para a poesia. O que, entretanto, veio a ser a pá de cal sobre o problema, foi a invenção da fotografia. A partir de então não havia mais por que um pintor ficar semanas a fio tentando reproduzir com fidelidade um rosto ou uma paisagem, se em frações de segundo, o tempo rapidíssimo de abertura e fechamento de uma objetiva de máquina fotográfica a natureza estava reproduzida com a mais rigorosa perfeição. A pintura imitativa do natural restou, então, como um mero ato de auto-afirmação de pintores de mentalidade arcaica, numa espécie de inglória competição com a fotografia, ou numa tentativa de dizer que a tinta sobre a tela valia mais, artisticamente que a queima de sais de luz do filme fotográfico. E que dizer, então, do aparecimento do cinema, reproduzindo a natureza em movimento? A ninguém se nega o direito de tentar, na pintura, a ultrapassada imitação do natural; a ninguém se recusa, igualmente, o direito de voltar as costas ao presente e ao futuro, para continuar pedindo em pleno século da astronáutica --, que os pintores continuem a reproduzir paisagens com bucólicas vaquinhas.

A exposição "Cinco Pesquisadores da Arte Visual", que a Comissão de Artes Plásticas do Conselho Municipal de Cultura promove na Associação Esportiva São José, nos traz obras de um conjunto de artistas sintonizados com o nosso tempo. Esses sabem do conflito em que se debate o homem ante a ascensão da máquina que ele próprio criou; esses sabem que a obrigatoriedade do uso do pincel, no século do cinerama e do cinemascope, é uma exigência seródia e obsoleta? Esses sabem que o artista também não está escravizado à utilização exclusiva da tela ou do papel, da tinta ou do lápis, num século que nos deu o plástico, o nylon, o styropor, o aço, o cimento amianto. E de onde viria esta estranha discriminação, que procura negar a esses materiais a condição de serem matéria-prima artística? Estou lembrando um artigo de Aracy Amaral, em que a crítica dizia que o pintor que hoje dispusesse a pintar uma colina, empunhando pincel e palheta, estaria se arriscando a perder o seu modelo em plena realização da obra, se por ali aparecesse uma motoniveladora arrasando com a colina. O que Aracy queria pôr em causa, evidentemente, é a noção de progresso, de evolução que não pode conter porizar com sentimentos retrógrados. A motoniveladora, no caso, é, a um tempo, o símbolo da nova era em que a máquina se fez persona-

gem, e a noção de progresso que, na sua escalada necessária, não pode poupar a mais bela colina com prejuízo para a utilidade de uma rodovia que por ali deve passar.

Esses "Cinco Pesquisadores da Arte Visual" são de masiadamente lúcidos para aqui virem na expectativa de um aplauso unânime; eles sabem que vão causar grande incômodo a quantos se mantiverem, esteticamente presos ao século XVIII. Mas experimentam um grande prazer em se sentirem incômodos, na medida em que isso possa contribuir para uma abertura inicial na rota de uma posição mais coerente com os novos tempos. As obras de Aliberti, Charoux, Fejer, Fiaminghi e Kuhn precisam ser vistas. O público deve tomar contato com o que de mais arrojado se faz hoje no campo das artes plásticas, sem perder de vista que aquilo que vai ver não é fruto da aventura de duvidosos adolescentes, porventura intusiasmados com um modismo de molecagem. Alguns dos artistas que aqui estarão expondo --- como Charoux e Kuhn --- são nomes que têm merecido um respeito internacional, cujas obras têm percorrido os mais importantes salões do mundo, inclusive sob o patrocínio do próprio governo do Brasil através do Itamaraty. São artistas maduros, alguns vindos de experiências figurativas, chegados às obras que hoje realizam, por intermédio de pesquisas sérias desenvolvidas ao longo de muitos anos. Mesmo entre os mais moços, como Aliberti, está presente esta mesma seriedade. O que fazem, fazem porque o sentem necessário, o que criam, criam pela descoberta de seu talento e pela imposição de sua cultura, que foram capazes de manter sincronizada com o tempo e a civilização em movimento.

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA

Contemporânea